



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/a-queda-do-ceu/>

A queda do céu - quando inflexão de vozes florestam

Marta Catunda [1]

Laura de Aro [2]

KOPENAWA, Davi; ALBERT Bruce. **A queda do céu**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, 527 pgs.

Nesta resenha, quase um breve ensaio, propomos compor inflexão de vozes como se estivéssemos ouvindo-as. Lemos em voz alta. Vozes do autor Davi Kopenawa, seus intercessores ou interlocutores, Bruce Albert e Viveiros de Castro, como citações no texto, para deixar transparecer as passagens dinâmicas movimentadas na leitura do texto e como provoca comunhão, amizade, confiança, pensamento conferindo a obra um caráter inédito de aliança, ressoando entre a antropologia, as ciências sociais e a cultura milenar yanomami. Não incluímos as datas, apenas páginas nas citações já que todas elas pertencem ao livro resenhado. Não resistimos em inserir duas iluminuras. No começo e no fim do texto para dissipar um pouco da emoção que os desenhos nos trouxeram enquanto resenhávamos, durante todo o ano de 2020, marcado por uma pandemia que ora adentra 2021. O livro é composto por vinte e quatro capítulos, com o total de 511 páginas mais o Prefácio, o *Postscriptum*, com Anexos e os Glossários etnobiológico e geográfico Yanomami, perfazendo um total de 729 páginas, uma obra referência da complexidade dos tempos que vivemos. Um livro na cabeceira do sonhar e ouvir a floresta viva e em pé.

PARTE 1 – O recado da mata

Optamos por escanear a resenha em três partes, uma vez que a obra exige apurado sentido não linear na leitura. A transcrição xamânica polimórfica, tem simetria e ressonância interna dividindo-



se em três partes; seguindo as pistas deixadas por Eduardo Viveiros de Castro que prefacia o livro. *O Recado da mata* mapeia os elementos que serão encontrados nas imagens que flutuam e delineiam a floresta em um panorama caleidoscópico de possibilidades. Cada um pode construir a sua floresta como entendimento.

(...) um homem do mato que firmou um pacto com duplos invisíveis da floresta -, com os xapiris que transmitem os recados cifrados da mata. Um recado ominoso, um aviso, uma advertência (Viveiros de Castro, p.41)

O livro tem um encadeamento que é também fruto da amizade entre o Yanomami, Davi Kopenawa e do antropólogo francês, Bruce Albert que quis ensinar e conhecer “os dizeres dos *xapiris*”. Na terceira parte aparece um testemunho marcante, dado por vivências da floresta que florestam.

(...) para responder aos que perguntam o que pensam os habitantes da floresta. Entreguei a vocês e lhes pedi para levá-las para longe. Para serem conhecidas pelos brancos, que não sabem nada sobre nós. Ficamos muito tempo sentados falando em minha casa apesar das picadas de mutucas e piuns (Kopenawa, p.63).

A partir de um limbo sensível que também é um território de comunicação imanente retoma massacres, e o solene desprezo que o Brasil moderno devota ao seu passado indígena (Dória; Bastos, 2018, p. 92). Como se fazer escutar? Diante de tanta falta de tato ou vontade política de ver a dinâmica societal indígena. Como sentir os olhos do outro, se em tempos de desastres planetários, a vestimenta são as bandanas, tapando os olhos, nariz e os ouvidos do próprio corpo? O planeta vivo situa seu modo de gerir a vida independente e apesar do humano. O sopro dos grãos de areia é como cada grão da ampulheta dos tempos imemoriais. A vida na Terra é feita do que germina, cresce, prolifera e termina.

A queda do céu é um acontecimento científico incontestável, que levará suspeito alguns anos para se devidamente assimilado pela comunidade antropológica. Mas espero que todos os seus leitores saibam identificar de



imediatamente o acontecimento político e espiritual muito mais amplo, e de muito grave significação que ele representa (Viveiros de Castro, p.15).

Não se pode perder de vista o alcance para além do que se esconde no que é *místico* e do que pode ser colocado a parte, o texto convida-nos a refletir sobre as diversas formas do fazer ciência, em outras composições ou proposições conscientes e inconscientes. Os povos indígenas fazem ciência há muito tempo. Neste sentido o livro marca um divisor de águas, o tempo da conversa sem o filtro ou a sombra de uma ciência sobre a outra, que tem sido uma espécie de tradução do intraduzível. Esse livro não deve ser considerado uma biografia ou, uma autobiografia é um depoimento, um testemunho de diversas vozes, não tem um narrador central e é essa polissemia, o que caracteriza o enfático relato do povo yanomami, urgente, caudaloso, sonoro.

Como a proposição da melhor literatura Kopenawa e Bruce, como duas oitavas de uma canção nos instigam um quadro, revelado no âmago do livro e que deixa ao longo das narrativas seus rastros, seus fantasmas. Narra a catastrófica colisão dos Yanomamis com os Brancos.

Um mau encontro que determinou a vida e a vocação do , narrador – é ladeado por uma seção inicial, que descreve a vocação xamânica de Davi Kopenawa por seu sogro, bem como situa o parâmetros cosmológicos nativos, por outra, seção, final, em que o narrador comenta a experiência antropológico-xamânica aquela parte do Hemisfério Norte, que os brasileiros ainda chamamos de Primeiro Mundo.(Viveiros de Castro,p.29).

No durante a leitura movimenta o sensível um fluxo que leva para outra dimensão, compreender outro pensar que tateia/tatua, leva a uma sublevação. Explora outros modos de viver e fazer participar de uma sabedoria milenar. A sabedoria da floresta. O que transborda não é mais “O que é pensado sobre isso?” mas ao invés disso, “O que se tem sonhado sobre isso?” O sonho em si aqui é um vernáculo de possíveis. Habita o âmago de uma vida sem fim, já na dimensão do sonhado há uma espécie de sobre/real. As culturas orais do ouvido são também as do tato e trânsito permanente entre o real, o sonho, o transe. Trata-se do trans/possível dos Tristes Trópicos que Lévi-Strauss (1952) captou com tanta propriedade. Uma certa melancolia, bafejando



uma tristeza profética em ondas sonoras vindas de Lévi-Strauss, numa frase “das inumeráveis brechas, sobreviventes isoladas da destruição do tempo, jamais darão a ilusão de um timbre original, lá onde ressoam as harmonias perdidas.”

Na sua língua, os brancos falam em proteger a natureza. Na nossa que é a dos espíritos, falamos do poder mental de Omama. (...) sem ele a terra desapareceria e seus habitantes com ela. O alerta que se grita é para evitar que ocorra uma nova queda do céu. (Kopenawa, p.496)

É preciso compreender o cosmo como um cérebro que sonha, entra no transe e no trânsito da vida. A extinção em si, como fato é muito difícil de se perceber, talvez por estarmos dentro dela. Mudanças climáticas em todas as chamadas cinco grandes extinções, são os sinais evidentes de um processo de caos absoluto e extinção, já está, pode levar, dezenas, centenas ou milhares de anos, mas, mudanças repentinas estão movendo os delicados fios da teia da vida. A velocidade que essa teia for se tecendo não nos cabe.

“(...) o que realmente importa é o que este livro pode dar ao pensar aos não antropólogos; o que conta é o que Davi Kopenawa tem a dizer a quem sabe ouvir, sobre os Brancos, sobre o mundo e sobre o futuro. Que seu repertório conceitual e seu universo de referências sejam muito estranhos aos nossos, só torna mais urgente e inquietante sua profecia xamânica, cada vez menos apenas imaginária e cada vez mais parecida com a realidade.

Vivemos o jogo político e econômico, que impacta uma atmosfera cultural de sufoco, do hemisfério Norte sobre o hemisfério Sul, incivilizados e civilizados, com data marcada, não leva em consideração cada grão da disparatada ampulheta cronopolítica. No centro está a floresta amazônica. Para Viveiros de Castro (p.39) - *A queda do céu* - é ao mesmo tempo uma sessão xamânica, um tratado político e um compêndio de filosofia. O autor percebe no onirismo especulativo revelado, a imagem que carrega toda a força do conceito e torna a experiência “alucinatória, ultracorpórea e extrospectiva”. Talvez o único modo de tocar os brancos.

PARTE 2 – Devir outro (sonhar a floresta)



Para Paula Souza (2020), dentro das perspectivas científicas e críticas, no contexto da pandemia há uma relação direta entre a cosmologia dos povos de terreiro Yorubá e dos Yanomami. Sugeri compreender, tanto os Xapiris, como os Exus numa mesma linha de intervenção porque são aqueles que revelam profundo conhecimento cosmogônico, espécie de intercessores, provocadores, instigadores do conhecimento sobre a vida. Afinal, não pode haver pensamento sem a intercessão do mesmo. Afirmando que há um assimilacionismo político-cultural no embranquecimento que força a reprodução negacionista, típica da cultura branca eurocêntrica. Esta, ao rejeitar as expressivas matérias ameríndias e afrodiáspóricas, não permite que sejam incorporadas como matéria da inteligibilidade mas, meros acessórios. Coisas típicas desses fazeres culturais selvagens. Bloquear a imaginação é uma tática para conter o devir revolucionário e ao mesmo tempo, manter a função da colonialidade ao impedir que o *egbé* (amizade com os espíritos) alcance o espaço político-institucional que se desdobra sobre o científico. Daí então poder dialogar com a ciência de igual para igual. Sem os enquadramentos historiográficos de níveis civilizatórios, que também são baseados em suposições sem provas.

Os brancos se dizem inteligentes. Não somos menos. Nossos pensamentos se expandem em todas as direções e nossas palavras são antigas e muitas. Elas vêm dos nossos antepassados. Porém não precisamos como os brancos de peles de imagens para impedi-las de fugir da nossa mente, não temos de desenhá-las, como eles fazem com as suas. Nem por isso elas irão desaparecer pois ficam gravadas dentro de nós (Kopenawa, p.75).

Kopenawa, no trecho acima traz a compreensão que essa memória é antiga, mas se atualiza, por exemplo no rito de iniciação de um jovem xamã instigando a renovação da informação, ou seja, não é uma indução autocrática de um saber superior, mas, uma ativação do relacional, traz para luz o diálogo de tempos imemoriais associando-o com aquilo que seus iniciados trazem dentro de si. Uma memória muito antiga, mas, presentemente revisitada por seus pais e avós. Se ele for fraco não será escolhido, porque não se trata da experiência em si mas, de uma escolha, um pacto vital com essa memória ancestral vida a fora. A memória para o xamã acessa o cosmo, uma espécie de cérebro expandido que conecta as informações prescindindo de um livro de saberes antigos, como é a bíblia, o alcorão entre tantos outros do mundo e da cultura ocidental.



Da página 63 a 375, mergulha-se na floresta. E aqui reaparece o limbo. Sensível e relacional entre o xamã e os xapiri, uma zona, ou seria uma zoa, onde há sombreamento cósmico, dobra, buraco de minhoca ou wormhole, lugar do universo que não pode ser captado por instrumentos de precisão, espaço inter/transdimensional. A zoa é floresta aquela que o mundo dito civilizado não vê como potência vital, por isso pode ser queimada, extraída, derrubada. Derrubar a floresta é o mesmo que apagar uma parte do cosmo e portanto, do nosso próprio cérebro expandido junto com a atmosfera da própria coletividade em seu convívio, com a vida mineral, animal ou vegetal. E como uma sombra assombra, e assim deve ser deletada por sua potência criadora de nova vida. Também fazer com que evapore, como na extração mineral para o ar, não para conservar a água, mas como veneno que evapora para respirarmos, ou engolirmos. Para matar a floresta é preciso matar o povo que é dela uma parte fundamental da sua existência. São povos que fazem a floresta e não apenas cuidam dela. Eles são e contém a floresta. Se na pandemia há proibição da respiração, nosso sufoco é o mesmo sufoco da floresta queimada envenenada. Mesmo assim o fogo não é apagado. Ele rouba a alma da floresta e seus espíritos vitais. Por tudo isso para Kopenawa a floresta é a própria vida e sem ela é o suicídio. A contaminação do ar é a pior de todas talvez, o começo de um novo fim.

Omama plantou essas árvores de cantos nos confins da floresta onde a terra termina onde estão fincados os pés do céu sustentado pelos espíritos tatu-canastra e os espírito jabuti. É a partir de lá que elas distribuem sem trégua suas melodias a todos os xapiri que correm até a elas. São árvores muito grandes cobertas de penugem brilhante de uma brancura ofuscante. Seus troncos são cobertos de lábios que se movem sem parar, uns em cima dos outros. (Kopenawa, p.114)

Os cantos das árvores se fazem ouvir como uma imensa sonoteca e aqueles animais, fungos presentes na compostagens, camadas da serrapilheira. Percebe-se também um olhar escutativo instigado pelos xapiri, que fazem ver e escutar, dançar, para absolver a energia do intenso e esparramando poros/cosmo. A sinergia entrecruzada ou entretecida de histórias revividas no corpo do rito, ou tomam corpo no rito trazendo o mesmo sentido vital da floresta em pé, prehe de infinitas linguagens e linhagens. Kopenawa refere-se a esses espíritos no singular mas, para deixar bem claro a diversidade e a pluralidade que os contém. É um modo de viver na Terra a



pluralidade do cosmo. Aviso importante, não se trata de uma experiência mística como aquela dos anos 70 do século passado, de *psicodelia*, que continua até hoje com certo *glamour*, cultural no acidente, nos ritos com a ayahuasca entre outros.

Mesmo que também sejam ritualizados, não conseguem fugir de um certo apelo mercadológico, psicodélico ou recreativo. Não pertencem a floresta. Vamos insistir nesse ponto. Porque este livro/testemunho diz com todas as letras que o que está instalado milenarmente na floresta é um outro poro, outro devir. Não é uma experiência que vai nos modificar, mas, um tipo de vida e de convívio que não nos contém. Não porque, essas culturas nos excluem, mas, porque na relação com elas antes já nos auto-excluímos por vontade da escolha “civilizada”.

Em meus sonhos os espíritos amarravam as cordas de minha rede bem alto no céu. Eram como se longas antenas de rádio fossem esticadas e funcionassem como caminho dos xapiri e seus cantos chegarem a até a mim, assim como o caminho das palavras do telefone dos brancos. (Kopenawa, p.96).

São descrições riquíssimas das vestes, dos cantos, e desse contato, dessa presença xapiri colorida, luminosa, espelhada, emplumada, sem teto e sem chão que pode revolver a terra como um rio e fazer casa em montanha, as dobras da zoa por todo canto. Do transe ao sonho movimentos vitais interpenetram-se, o consciente e o inconsciente numa dança de comunicabilidade com esses átomos/xapiri. Essa dança informa, constitui mescla nesse trânsito interpenetrante não os separa em níveis, com acessos diferenciados, são parte de um só grande cérebro expandido: o cosmo.

Os espíritos de nossos xamãs antigos, que tem amizade pela floresta, não nos permitem deixar seus inimigos se instalarem nela – garimpeiros, fazendeiros e madeireiros. Essa gente só sabe desmatá-la e suja-lá. Querem nos eliminar, para construir cidades no lugar de nossas casas abandonadas. Isso porém não nos entristece porque os xapiri estão sempre do nosso lado para nos dar coragem(dizem): Muitos de vocês morreram, mas se defendem sua floresta voltarão a ser muitos, suas mulheres ainda vão lhes dar muitos filhos! (Kopenawa, p. 332).



A notável força de resistência indígena vem não do confronto direto com os brancos, embora tantas vezes tenham sido levados a isso. Mas porque as mensagens dos xapiri os movem, os ajudam a escolher a superação e seguir. Assim é que a luta pela terra é a luta antes pela floresta, que é a própria luta pela vida em si. Reafirma esse trânsito, do transe ao sonho e, as lutas da vida consciente sem uma separação de níveis mas, uma dinâmica de um poro ao outro, em fluxos comunicantes. O transe e o sonho ambos têm, intuito de fazer perceber a grandeza do cosmo. Do transe ao sonho, o que importa é o fluxo entre eles, como parte da ampliação da consciência vívida.

Parte 3 – A queda do céu/quando o eu é um outro (vice-versa)

Existe uma imagem que flutua o tempo todo da leitura de Kopenawa, como um portal de acesso. Um céu caindo desabando com suas bordas em franjas repletas de espíritos xapiri, entidades de sua força como uma cola comunal. A Terra, não poderia conter esse céu, já que esse céu é o infinito e bastaria um pedaço deste cosmo arremessado pelas forças físicas vitais astronômicas para destruí-la. O sonho sustenta esse céu e quem não sonha contribui com sua ruína. O imaginário é fonte e criação não é a realidade concreta, mas exatamente por isso nos fornece a chave: imaginar para transformar, transmigrar, transmutar.

As costas desse céu que caiu no primeiro tempo tornaram-se a floresta que vivemos, o chão no qual pisamos. Por esse motivo chamamos a floresta wâropatarima mosi, o velho céu, o os xamãs também chamam hutukara, que é mais um nome desse antigo nível celeste. Depois um outro céu desceu e se fixou acima da terra substituindo o que havia desabado (Kopenawa, p.195)

O novo céu se alimenta do velho céu numa compostagem do cosmo que não pertence a lugar algum. A ideia da panspermia, das várias extinções também escancara a imagem de um céu mais antigo já caído e a de um céu por cair agora. A ideia das outras extinções mais antigas. O antiquismo planetário circunda a narrativa de Kopenawa, e dos seus encontros com os xapiri nas



camadas da memória como matéria vital sonhada, fertilizando o caos, agora. Ignorar a mudança climática é esquecer nossa impotência sobre o imprevisível que permeia e presenteia com a própria ideia de clima.

A terceira parte do livro trata o relacional em um sentido mais amplo e comunicacional entre culturas diferentes e seus diferentes modos de aprender, fazer e viver a ciência com os povos da floresta, mas também, onde/quando a amizade pode construir laços relacionais. De tal modo este relacional entre diferentes e aquilo que é próprio a ecologia como/quando provoca ou mobiliza, como uma ciência do contemporâneo, empatia e simpatia de tantas potências imaginárias e sociais.

O etnógrafo iniciante costuma ser um jovem forasteiro fora do comum. A constância com que suporta as provações físicas, a humildade e a tenacidade de sua vontade de aprender, sem mencionar o estranho distanciamento que exhibe em relação ao próprio mundo, acabam por atrair alguma simpatia de seus anfitriões (nunca insenta de um misto sutil de compaixão e amizade) Bruce Albert, p.521.

O encontro de Bruce Albert com Kopenawa é um daqueles marcados por uma aliança construída na adolescência portanto, crivada de experiências e aprendizados trocados. Para poder dialogar é necessário antes ressocializar-se aquilo que Bruce Albert considera como “troca desigual subjacente à relação etnográfica”.

(...) um embaixador improvisado de um universo ameaçador tradutor benevolente, capaz de fazer ouvir nele sua alteridade e eventualmente possibilitar alianças(...) foi por intermédio dessa reflexão que se delineou para mim, como contrapartida da doação de seus saberes, o horizonte de um comprometimento a longo prazo com os Yanomamis (Bruce Albert p. 522)



Foram muitas crises vivenciadas durante longo período, construção de estradas, epidemia de sarampo, mapeamento topográfico visando desmembrar o território em ilhas territoriais isoladas, pressões da igreja e da Funai, a destruição da casa coletiva do povo Yanomami, coceiras, lama e umidade constante, mas o que de fato vingou foi a persistência de Bruce Albert o embaixador benevolente, e sua incansável pesquisa etnográfica que desemboca neste livro de alianças com a floresta e sua gente.

Um livro de aventuras não faria melhor, ao narrar tantas questões políticas, acadêmicas e etnográficas, vivências feitas de cumplicidade e desencontro, afastamentos e retornos abalando os alicerces de uma sólida amizade construída também por um pacto pela expressão da floresta que Kopenawa nos presentifica com tanta beleza.

Davi Kopenawa me incumbiu de dar maior divulgação possível a sua palavras, através do modo da escrita em uso de meu próprio mundo (...) por isso tão tributário da visada xamânica e etnopolítica de Davi Kopenawa quanto meu próprio desejo de experimentar uma nova forma de escrita etnográfica que tire consequências de minhas reflexões que chamei de “pacto etnográfico”(Bruce Albert, p. 536).

De nossa parte ao resenhar este livro durante todo ano de 2020, enquanto o trágico evento da pandemia se desenhava cruamente, novamente acoessando o povo Yanomami com inúmeras pressões, insistimos mergulhar nossa pesquisa nesta obra/ensinamento. Sentimos a sintonia fina com a floresta na mensagem de Kopenawa, cuja antena dos xapiri nos interliga com nosso destino de agora no canal das consequências climáticas. Pudemos divisar os diversos vieses que esta obra apresenta ou sugeri, sem forçar um clássico caminho etnográfico e nos dar a floresta a luz de sua maior potência criadora e sua vocação mensageira do cosmo. Ao resenhar este livro percebemos que várias visadas podem ser obtidas no mergulho xamânico oferecido por Kopenawa, assim como as trilhas da floresta ou os rios de matéria escura, entre as constelações estelares.

Bibliografia



DÓRIA, Carlos Alberto. Bastos Corrêa, Marcelo. **A culinária caipira Paulistânia: a história e as receitas de um modo antigo de comer**. São Paulo: Três Estrelas, 2018.

KOPENAWA, Davi. ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LÉVI-STRAUS, **Tristes Trópicos**. 1ª Edição. São Paulo: Editora Anhembi, 1957.

PAULA SOUZA, Tadeu. **Exus e xapiris: perspectiva améafricana e pandemia**. São Paulo: N-1 Edições, 2020.

Recebido em: 20/03/2021

Aceito em: 15/04/2021





[1] Docente do Ensino Fundamental e do Segundo Ciclo da Secretaria Estadual de Educação Sorocaba- SP, Doutora em educação, PPGE-UNISO, Sorocaba , SP, Brasil, catunda@prof.educacao.sp.gov.br lattes <http://lattes.cnpq.br/5155964148633046>

[2] Psicóloga , Pontifícia Universidade Católica - São Paulo, SP, Mestranda, PUC, São Paulo SP, lauradgalera@gmail.com lattes:<http://lattes.cnpq.br/8432354536505029>